

**EM PERÍODO DE TRANSIÇÃO,
TODO CUIDADO É POUCO...**

Luiz Carlos Corrêa Carvalho (Caio)

caio@canaplan.com.br

Chega o outono, fechando o verão. As canas do Centro-Sul brasileiro, para a safra que antecipadamente se iniciou no Brasil para o período 06/07, ainda crescem e, com a experiência de tantas safras diferentes, poderão proporcionar dimensões inesperadas. Para o planejador, trabalhar em condições agrícolas com tantas variáveis em decorrência do clima instável e do nível de tecnologia empregado nas várias regiões, é preciso conhecer alguma coisa de astrologia, tarô, ouvir cartomantes, jogar búzios ou, até, ter contatos de terceiro grau.....

A safra 05/06, no Centro-Sul, mostra, até a posição de março/06, veranicos (secas) problemáticos nos meses de nov e dez/05 e jan/06 e boas condições de chuvas nos meses de fevereiro e março de 2006. Infelizmente, a cana plantada em 2005 para colheita em 2006 já perdeu seu potencial maior.....as soqueiras vem reagindo bem e ainda mostram potencial. Por outro lado, a qualidade da cana dependerá do clima, que se espera próximo do que ocorreu no ano de 2005. A primeira vista, deve ter menos fibra, talvez melhor ATR.....

Trabalhar, pois, com banda de açúcares totais é um modo mais sensato, além de permitir, mensalmente, a averiguação das efetivas causas de estar mais próximo da base ou do teto das projeções. Imaginar se o inverno virá rigoroso ou não e se as temperaturas do dia e da noite permitirão maiores concentrações de sacarose, é outro momento no sofrimento dos números escolhidos. Trabalhar com cenários de eventuais rupturas climáticas em relação à normalidade, como geadas ou ventos fortes que impactem a cana, também são parte da visão futura que necessariamente tem que ser operada.

A região Centro-Sul brasileira é uma verdadeira colcha de retalhos de condições de clima e solos, o que obriga o analista a trabalhar com estatísticas apropriadas, incluindo-se, obviamente, amostra representativa e dados globais importantes.

Mas é mais que isso!

Os mercados, interno e externo, assim como as políticas públicas, vivem momentos de grande transição e volatilidade. Alguns paradigmas que ainda atormentam a muitos (a maioria) foram quebrados..... é só examinar a questão do petróleo e os seus preços: para

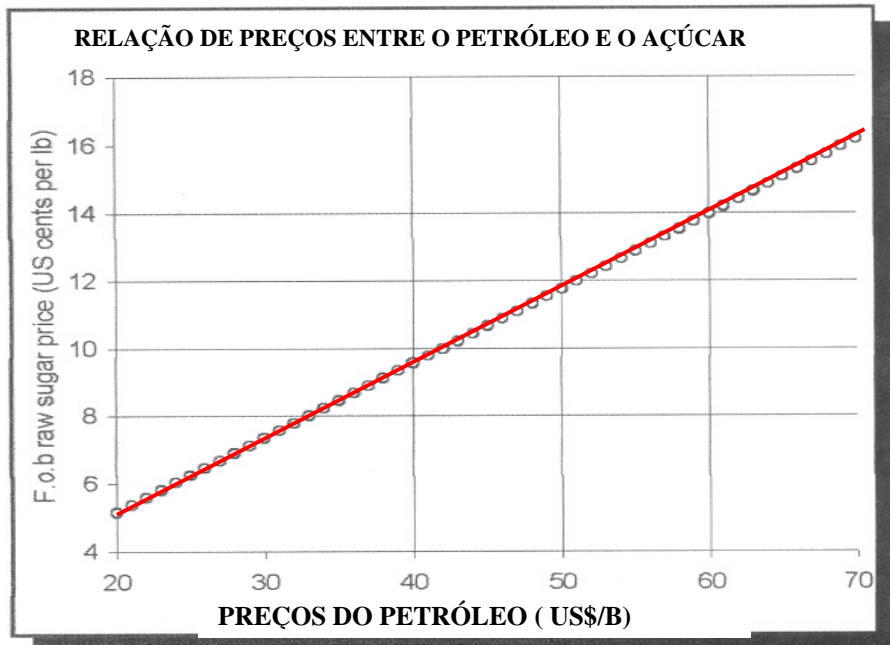
o mundo desenvolvido ganhou escala prioritária as questões de segurança energética e redução das emissões do efeito estufa mas, também, juros mais altos; para o mundo em desenvolvimento, as oportunidades de investimentos em agroenergia e as prioridades de empregos e renda do negócio onde há custos muito menores que os do mundo industrializado. Seja como for, o cenário é de preços elevados do petróleo carregando consigo os do açúcar e do álcool em dólar, somado ao cenário de juros internacionais mais elevados e, no caso Brasil, eleições que serão muito disputadas, certamente recomenda posições mais cautelosas.

Projeções para 2006 e 2007 de preços externos mais elevados que os internos, tanto para o açúcar como para o álcool, em conjunção com alta volatilidade e limites de oferta, obrigam o setor sucroalcooleiro e os homens responsáveis do governo, a uma reflexão mais séria: se o curto prazo recomenda seriedade para com o abastecimento do crescente mercado interno de etanol do Brasil, no caso do longo prazo (cujas ações são feitas agora) é recomendável ocupar espaço de exportações crescentes onde se formaliza a liderança brasileira nesse campo. Como ficaria a posição sensata para essa realidade de transição? Como compor os interesse?

A demanda interna de etanol para o período de 12 meses da safra brasileira 06/07, está projetada próxima à da 05/06 não porque o mercado não cresce mas porque foi reduzida a mistura do álcool anidro na gasolina de 25% para 20%; essa redução equivale, em consumo, ao aumento espetacular do uso do etanol hidratado no mercado brasileiro pelo crescimento das vendas dos FFV – veículos flexíveis. Mas e o potencial de exportações? Enquanto no Brasil se julgam elevados os preços internos do etanol, nos EUA, por exemplo, acontece exatamente a mesma coisa.....naquele país, a explosão da demanda de etanol é tamanha, após a fala do Presidente Bush e, principalmente, a acelerada substituição do MTBE, que a oferta mesmo com crescimento acelerado não acompanhará a demanda em 2006 e, talvez, em mais anos!

É um novo mundo! Para novas realidades, novas soluções e comportamentos!

Os preços do petróleo, no novo e definitivo mais alto patamar, puxa para cima tanto o etanol como o açúcar, que são filhos da mesma mãe cana. Trata-se de uma nova, clara e forte ligação, que faz os mercados serem outros, nessa transição que comandará o século XXI. É só um exemplo do novo mundo, da nova realidade.



Fonte: LMC Sweetener Analysis, janeiro/2006

A safra 06/07 herdará os problemas da safra 05/06, salientando-se além da forte transição comentada, estoques negativos de ambos os produtos açúcar e etanol.

Os preços internacionais do açúcar a US\$ 18/lb (contrato 11,NY) e do etanol a US\$ 480,00 – 515,00, são ótima novidade. É importante conferir o potencial da oferta na safra 06/07:

	CANA (Banda, em milh ton)	AÇÚCAR (Banda em milh t)	ETANOL (banda em bilh lts)
OFERTA	365 - 378	24,12 - 25,15	15,33 -15,98
DEMANDA	~ 365	~ 25 (1)	14,70 – 15,00 (2)

(1) Considerada exportação de 15 milhões de ton

(2) Considerado, conservadoramente, a mesma exportação de 05/06

Fonte: Canaplan

Voltando às soluções, alguns aspectos merecem especial menção. Quanto à confiança necessária ao consumidor (seja no Brasil ou no exterior), uma nova política de estoques

para o etanol é urgente e indispensável; quanto ao posicionamento de regulação, melhores (não maiores) controles pelo governo em termos de estatísticas e posicionamento; quanto ao produtor, o equilíbrio no balanço da safra, pensando o curto e o longo prazos. Nesta nova safra 06/07, 10 milhões de toneladas de cana virão de novas unidades recém iniciantes e algumas retornando à produção. Reafirma-se, assim, Victor Hugo: “nada como uma boa idéia que encontra o seu momento”.